LP8

4º BIMESTRE

ESCOLA: _____

ALUNO: _____ **TURMA:** _____

2011

Secretaria Municipal de Educação

Coordenadoria de Educação

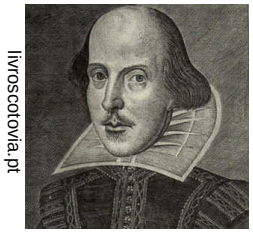
Coordenadoria de Educação

LÍNGUA PORTUGUESA - 8º Ano

4º BIMESTRE / 2011

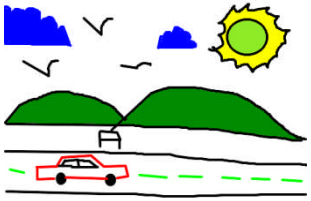
revistavalever.com.br

oglobo.globo.com



livroscotovia.pt

renovart.blogspot.com



gartic.com.br

odiario.com

tofrito.terra.com.br

renovart.blogspot.com

EDUARDO PAES
PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

CLAUDIA COSTIN
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

REGINA HELENA DINIZ BOMENY
SUBSECRETARIA DE ENSINO

MARIA DE NAZARETH MACHADO DE BARROS VASCONCELLOS
COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO

MARIA DE FÁTIMA CUNHA
SANDRA MARIA DE SOUZA MATEUS
COORDENADORIA TÉCNICA

MARIA TERESA TEDESCO VILARDO ABREU
CONSULTORIA

WELINGTON MARTINS MACHADO
ELABORAÇÃO

CARLA DA ROCHA FARIA
LEILA CUNHA DE OLIVEIRA
SIMONE CARDOZO VITAL DA SILVA
REVISÃO

MARIA PAULA SANTOS DE OLIVEIRA
DIAGRAMAÇÃO

BEATRIZ ALVES DOS SANTOS
MARIA DE FÁTIMA CUNHA
DESIGN GRÁFICO

RIO PREFEITURA EDUCAÇÃO

Coordenadoria de Educação

LÍNGUA PORTUGUESA - 8º Ano

4º BIMESTRE / 2011

Querido(a) aluno(a),

No Caderno anterior, você teve oportunidade de ampliar um pouco mais seu conhecimento sobre o mundo da leitura e da produção escrita, por meio de textos do tipo narrativo. Recapitulou os elementos característicos da ***Crônica*** *e aprendeu um pouco sobre os elementos de um* ***Conto****. Aproveitou os textos apresentados, para aprender um pouco mais sobre os recursos expressivos das* ***figuras de linguagem*** *e também para exercitar sua capacidade de* ***produção escrita,*** *entre outras habilidades que aqueles textos ajudavam a desenvolver.*

Neste Caderno, você vai continuar sua aventura de conhecimento, por meio do ***texto de teatro****. Antes, porém, vamos recapitular o que vimos no Caderno anterior sobre Contos, lendo contos escolhidos especialmente para isso.*

Aproveite bem este novo Caderno!

revistavalever.com.br

O assunto é...

cidadesaopaulo.olx.com.br

ifronteira.com

O carro novo é o sonho de consumo para muita gente. Nem precisa ser novo, novo mesmo, um "carro zero", como dizem. Pode ser o novo carro, que vem para substituir o antigo, ou que seja o primeiro carro da vida de uma pessoa – ou de uma família –, mas será, sempre, "o carro mais bonito do mundo".

Carro novo é sempre um "acontecimento"... E são os acontecimentos, grandes ou pequenos, que vão nos dando boas histórias, como a do conto que você vai ler a seguir.

Passeio em família

Lembro-me da cor azul metálica e que nunca tinha visto aquele modelo antes. Quando o pai atravessou o portão com o carro novo, eu, meu irmão, minha irmã e a mãe já o esperávamos, com ansiedade de brinquedo que vai chegar.

O pai nem se avizinhou da garagem, estacionou ainda no jardim e saiu do carro todo garboso. “A gente pode entrar? A gente pode entrar?”, eu e meus irmãos não nos contínhamos e, enquanto a mãe dava-lhe um beijo terno, afagando sua nuca com mãos que diziam eu-te-amo bem baixinho, quase nos espremêmos nos dois bancos da frente. Era um ato simbólico: nós três queríamos desde já assegurar o posto mais nobre do carro – o banco ao lado do pai.

Ele não nos decepcionou – “Vou tomar um banho rápido. Preparem-se para o passeio de estreia”. Aquelas palavras tinham gosto de doce de leite.

Os vinte minutos do pai sob o chuveiro se demoraram. Meu irmão desatou a bater na porta do banheiro, acenando nos murros a nossa pressa, mas, consciente das vontades e da urgência natural das crianças, o pai fingiu não ouvir.

O velho espalhava sua felicidade pelos cantos naquele sábado. Banho cumprido, despontou no jardim de tênis, bermuda, camisa sem mangas, já dando a ordem do dia. “Todos para dentro”, como se tivéssemos deixado mais do que alguns instantes os domínios do carro.

Na imensidão de tempo em que se lavara, exploramos cada milímetro da parte interna, sorvendo o cheiro do novo: abrimos e fechamos os vidros, examinamos o porta-luvas, passamos os dedos sobre o forro, brincamos com o volante e os botões do painel, apertamos a buzina, ligamos e desligamos o toca-fitas... O pai se ria para fora e para dentro.

Planejando evitar problemas, eu e meu irmão fizemos um acerto: ele me deixava viajar na frente no trajeto de ida – e na volta trocaríamos. O acordo momentâneo, pausa em rixa que datava até onde podia ir a lembrança, queria não aborrecer o pai, que sempre se aporrinhava com nossas brigas por conta de lugar.

Além de mim e dos mais novos, embarcou na nossa aventura também a Marita, a boneca da minha irmã. Marita era quase da família e fazia aniversário naquele sábado (mais tarde iria ter festa, com bolo, docinhos e convidados – no caso, as bonecas das amigas da minha irmã, com suas “mães”, como elas denominavam a si próprias).

Só ficaram de fora do passeio o Gota, nosso *poodle toy* – “Vocês não vão encher meu carro de pelos no primeiro dia!” – e a mãe, que precisava enrolar os brigadeiros para a festa da Marita.

tofrito.terra.com.br

O pai decidiu nos levar para a praia. A ideia era perambularmos sem muito rumo durante toda a manhã, retornando por volta de uma hora para o almoço.

Na viagem de ida, a orla estava quase vazia. Uns avozinhos e umas avozinhas caminhavam pelo calçadão, alguns com seus cachorros, alguns só consigo mesmos, pessoas adultas bebiam água de coco nos trailers, o vento soprava murmúrios... Não falamos quase nada. Limitávamos a olhar pelas janelas escancaradas, sentindo uma alegria serena, uma espécie de orgulho de nós mesmos, como se os outros soubessem que tínhamos um carro novo.

Seguimos até o Leme, onde o pai parou para comermos churros – "Atenção: não contem para sua mãe. E nada de comer pouco no almoço!" Ele tomou uma cerveja. Eu não entendia como podia preferir cerveja, aquela bebida amarga, a churros.

Ainda tentamos – eu e meus irmãos – convencer o pai a esticar um pouco o passeio, mas o velho foi imperativo: "Temos que estar em casa à uma em ponto."

Sem mais insistências, tomamos nossos lugares no carro – meu irmão, agora, na frente –, e o pai o colocou em movimento, tomando como rota a pista que ficava mais próxima dos prédios da orla marítima.

Meu irmão, com os braços para fora, gesticulava para os que estavam na rua, já bem mais cheia. Minha irmã alimentava a Marita. O pai concentrava-se na direção. Eu só vivia a delícia de estar ali.

Foi quando um berro estridente e agudo interrompeu a viagem. Era minha irmã, e o pai imediatamente parou o carro no acostamento. Ele se voltou num movimento brusco para trás, ela chorava. Sem perguntar o que quer que fosse, o pai olhou para mim com expressão de raiva. Estendeu ao máximo a palma de sua mão, que nunca vi tão grande, e deitou um tapa sobre a minha coxa direita.

Minha irmã, apesar de esbaforida, conseguiu ainda balbuciar: "A lagartixa! A lagartixa!"

O bicho tentava escapar pela lateral do carro, e o pai, depois de uma primeira tentativa, acertou-o num violento golpe que o partiu em dois. Meu irmão fez valer seus dotes de herói e completou o trabalho, jogando o rabo, que balançava, para fora do carro.

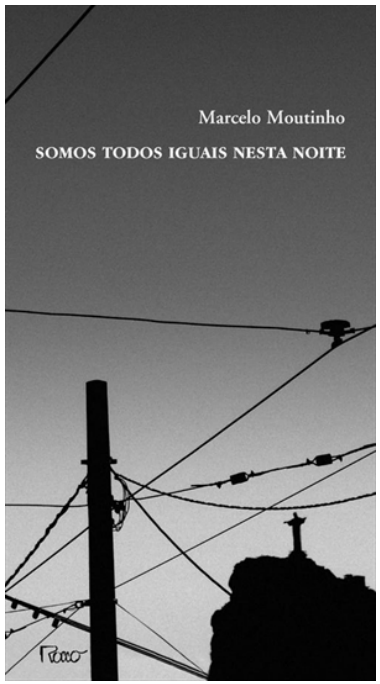
O pai não conseguiu disfarçar o sem-jeito. Suas pálpebras, embora cerradas, não tapavam a lástima. Ele me pediu desculpas, eu perdoei, e retomamos viagem, seguindo para o nosso almoço.

Alguma coisa daquele perdão, no entanto, não sarou. E mesmo hoje, tanto tempo depois, ainda sinto vez por outra a coxa direita arder um pouco.

MOUTINHO, Marcelo. *Somos todos iguais nesta noite.* Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

puc-riodigital.com.puc-rio.br

O autor



travessa.com.br

*E então, gostou do conto? Bonito, não é? A pobre da lagartixa é que não merecia a sorte que teve, só por aparecer naquele lugar, justo naquele momento.Teve de usar sua "autonomia caudal" para sobreviver (Veja no "**Fique ligado**!"). Mas pense que ela é apenas um personagem, necessário para nos dar essa bela história.*

Agora você vai realizar algumas atividades, com base no conto lido.

1. Onde se passa a maior parte das ações do conto?

_____

2. Quem são os personagens que participam das ações?

_____

3. A quem mais o narrador faz referência, e que não participam das ações?

_____

4. Transcreva do **primeiro** e do **último** parágrafos expressões que confirmem que o narrador conta uma história do seu passado.

_____

5. No discurso direto do 2º parágrafo, "A gente pode entrar? A gente pode entrar?", que efeito de sentido tem a repetição da pergunta?

_____

6. Que sentido tem o uso da palavra "velho" com que o narrador se refere ao pai, no 5º e no 13º parágrafos?

_____

7. Transcreva do conto o trecho que revela que o pai se aborrecia com uma rivalidade antiga que havia entre seus filhos.

_____

_____

_____

8. Em que passagem do conto revela-se que a história se passa num sábado?

_____

FIQUE LIGADO!!!!!

animais.culturamix.com

Precisamos saber um pouquinho mais sobre a **LAGARTIXA DOMÉSTICA**, antes de sair por aí matando. Réptil malabarista, ela sobe pelas paredes e até anda de cabeça para baixo. É bacana acompanhar sua trajetória pelas paredes. Há quem sinta medo. Vai que ela perca o equilíbrio e caia em cima da gente, não é? Mas ninguém precisa entrar em pânico ou ficar esbaforido, como a irmãzinha do narrador do conto, quando aparece uma lagartixa. É um animal inofensivo, não é venenoso nem transmite doenças, e é útil para nós, pois se alimenta de baratas, de traças, de aranhas, de mosquitos... Pode até ser nossa aliada na luta contra a dengue, não é?

AUTONOMIA CAUDAL – A lagartixa tem a capacidade de soltar a parte inferior de seu corpo (a cauda ou rabo) como mecanismo de defesa contra o ataque de seus predadores. A parte do rabo se solta e fica se mexendo por alguns segundos, para chamar a atenção do predador. Enquanto isso, ela tenta se salvar do perigo, escapando para algum lugar seguro. Essa capacidade é chamada de **autonomia caudal.**

9. Observe:

"A ideia era **perambularmos** sem muito rumo durante toda a manhã..." (10º parágrafo).
Pesquise o significado da palavra em destaque e reescreva o trecho, substituindo-a por outra, sem prejudicar o sentido.

_____

10. No 11º parágrafo, a quem se refere o narrador, quando conta que "Uns avozinhos e umas avozinhas caminhavam pelo calçadão..." e com que sentido ele usa esses diminutivos?

_____
_____

11. O que significa dizer que a irmã estava "esbaforida" (17º parágrafo)?

_____
_____

12. Transcreva o parágrafo do conto que revela que o pai reconheceu ter tomado, sem pensar, uma atitude errada com o filho e que se arrependeu do que fez.

_____
_____
_____

13. Com que sentido o narrador diz que, depois de tanto tempo, ainda sente, vez por outra, a coxa direita arder um pouco?

_____

14. Que sinais marcam, no conto, o discurso direto, ou seja, a fala direta dos personagens? Retire um exemplo que comprove sua resposta.

_____
_____

15. Retome o que você estudou no Caderno anterior sobre as figuras de linguagem e transcreva do 3º parágrafo do texto o trecho que contém uma **metáfora**.

_____

PARA REFLETIR...

No texto “Passeio em família”, há três situações que merecem ser discutidas. Converse com seu(sua) Professor(a) e com seus colegas de turma, antes de responder às questões abaixo.

1- O personagem-narrador, que é uma criança, viaja no banco da frente (7º parágrafo). Isto é permitido por Lei?

_____
_____

2- Em tom de brincadeira, o pai diz para os filhos:

“(...) Não contem para sua mãe.” (12º parágrafo)

Você considera correta a postura do pai? É certo mentir? Dê sua opinião.

_____
_____
_____
_____
_____

3- O pai bebe cerveja pouco antes de dirigir (12º parágrafo). Esta atitude é considerada adequada, de acordo com as normas de trânsito vigentes? O que pode acontecer com quem bebe e dirige?

_____
_____
_____
_____
_____

4 - O menino coloca os braços para fora do veículo em movimento (15º parágrafo).

a) Isso é permitido por Lei?

_____

b) Que riscos corre a pessoa que age dessa forma?

5. Com base na estrutura do conto, preencha o quadro abaixo.

O Caderno anterior é importante neste momento!

Elementos estruturais do conto "Passeio em família"			PARÁGRAFO(s)
INTRODUÇÃO	SITUAÇÃO INICIAL		
DESENVOLVIMENTO	CONFLITO GERADOR		
	CLÍMAX		
CONCLUSÃO	DESFECHO		

Leia, agora, a pérola que é esse pequeno conto de Carlos de Drummond de Andrade.

As pérolas

Dentro do pacote de açúcar, Renata encontrou uma pérola. A pérola era evidentemente para Renata, que sempre desejou possuir um colar de pérolas, mas sua profissão de doceira não dava para isso.
– Agora vou esperar que cheguem as outras pérolas – disse Renata, confiante. E ativou a fabricação de doces, para esvaziar mais pacotes de açúcar.

Os clientes queixavam-se de que os doces de Renata estavam demasiado doces**,** e muitos devolviam as encomendas. Por que não aparecia outra pérola? Renata deixou de ser doceira qualificada, e ultimamente só fazia arroz-doce. Envelheceu.
A menina que provou o arroz-doce, aquele dia, quase já ia quebrando um dente, ao mastigar um pedaço encaroçado. O caroço era uma pérola. A mãe não quis devolvê-la a Renata, e disse:
– Quem sabe se não aparecerão outras, e eu farei com elas um colar de pérolas? Vou encomendar arroz-doce toda semana.

odiario.com

ANDRADE. Carlos Drummond de. *Rick e a girafa*. São Paulo: Ática, 2007.

Glossário: qualificada - competente.

1. Que fato desencadeia a história narrada no conto “As pérolas” ?

_____

2. Localize e transcreva do texto:
a) Os trechos do 1º e do 2º parágrafos que indicam que Renata acreditava no destino e na sorte.

_____
_____

b) O trecho do 3º parágrafo que revela a consequência que teve para Renata seu desejo de possuir um colar de pérolas.

_____

3. **PRODUÇÃO DE TEXTO** - Agora, imagine e escreva um parágrafo final que contenha as consequências que a atitude da mãe da menina teve para si mesma, para sua filha e para Renata.

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

4. Com base na estrutura do conto, preencha o quadro abaixo.

Elementos estruturais do conto “As pérolas”			PARÁGRAFO(s)
INTRODUÇÃO	SITUAÇÃO INICIAL		
DESENVOLVIMENTO	CONFLITO GERADOR		
	CLÍMAX		
CONCLUSÃO	DESFECHO		

Vamos, aqui, relembrar um pouco as formas como as falas dos personagens podem ser apresentadas em uma narrativa.

Observe os trechos abaixo, retirados dos contos "Passeio em família" e "As pérolas". Os dois contêm fala direta de personagens.

Ainda tentamos – eu e meus irmãos – convencer o pai a esticar um pouco o passeio, mas o velho foi imperativo: "Temos que estar em casa à uma em ponto." ***(DISCURSO DIRETO, com dois pontos e aspas)***

A mãe não quis devolvê-la a Renata, e disse:
– Quem sabe se não aparecerão outras, e eu farei com elas um colar de pérolas?
(DISCURSO DIRETO, com dois pontos e travessão)

Sem mudar-lhes o sentido, essas falas poderiam aparecer, nos contos, através da própria voz do narrador, contando-nos o que disseram os personagens. Assim:

Ainda tentamos – eu e meus irmãos – convencer o pai a esticar um pouco o passeio, mas o velho foi imperativo, lembrando-nos que tínhamos que estar em casa à uma em ponto."
(***DISCURSO INDIRETO,*** *com verbo declarativo* ***"lembrando-nos"****, a conjunção* ***"que"*** *e o verbo no passado - pretérito imperfeito-****"tínhamos"****).*

A mãe não quis devolvê-la a Renata, e disse-lhe que talvez aparecessem outras e ela faria, com elas, um colar de pérolas.

(DISCURSO INDIRETO, verbo declarativo "disse-lhe", conjunção "que" e verbos no passado "aparecessem" e "faria").

Observe agora como se dá o discurso, em outro trecho do conto "Passeio em família":

"...enquanto a mãe dava-lhe um beijo terno, afagando sua nuca com mãos que diziam eu-te-amo bem baixinho..."
(DISCURSO INDIRETO LIVRE, que mistura livremente as duas formas de apresentar a fala do personagem, sem a pontuação característica do discurso direto ou a conjunção e verbo no passado do indireto.)

O que temos acima são formas de discurso de personagens, numa narrativa.
- ***Discurso direto*** *– quando ocorre a fala direta dos personagens.*
- ***Discurso indireto*** *– quando o narrador conta o que os personagens falaram.*
- ***Discurso indireto livre*** *– quando se dá uma mistura dessas duas formas de discurso.*

Observe agora este outro trecho, no final de "Passeio em família": ⇨ **Ele me pediu desculpas, eu perdoei (...)**

Vamos imaginar como se daria a cena, com os personagens falando nas diferentes maneiras de discurso narrativo.

Discurso direto
O pai, meio sem graça, disse: "Desculpe-me, meu filho". Eu respondi, sem muita firmeza: "Está perdoado, pai."
ou
O pai falou, meio sem graça:
– Desculpe-me, meu filho.
Eu respondi, sem muita firmeza:
– Está perdoado, pai.
ou ainda
– Desculpe-me, filho – disse o velho, meio sem graça.
– Está perdoado, pai – respondi, sem muita firmeza.

Discurso indireto
O pai, meio sem graça, me pediu que o desculpasse e eu respondi, sem muita firmeza, que o perdoava.
ou
O velho, meio sem graça, me perguntou se eu o desculpava e eu lhe respondi, sem muita firmeza, que estava perdoado.

Discurso indireto livre
O pai, meio sem graça, era só me desculpe e eu, um está perdoado, sem muita firmeza.

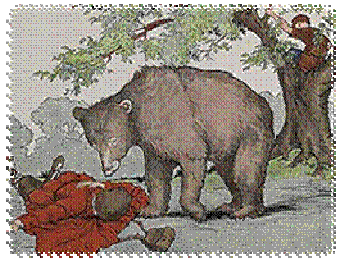
Vamos exercitar?
1. Reescreva, mudando o discurso direto para indireto e o indireto para direto.

cne-escutismo.pt

Os viajantes e o machado

Dois amigos viajavam juntos. Um deles encontrou, caído na estrada, um valioso machado e o outro disse: "Que bom, amigo, nós encontramos um machado!". O primeiro replicou que ele não dissesse "nós encontramos", e sim "você encontrou".
Pouco tempo depois, deram de frente com o bando daqueles que haviam perdido o machado. O amigo que estava com o machado começou a ser perseguido pelo bando e gritou para seu companheiro: "Estamos perdidos!". Este, afastando-se, retrucou que ele não dissesse "estamos", e sim "estou perdido". *(Esopo)*

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____


portaliol.com

2. Reescreva o **último parágrafo**, fazendo as mesmas substituições do exercício anterior**.**

Os viajantes e o urso

Dois amigos viajavam juntos pelo mesmo caminho, quando um urso apareceu, de repente.
O homem que ia na frente subiu em uma árvore e lá se escondeu. O outro, para não ser apanhado pelo urso, atirou-se ao chão e se fingiu de morto, retendo a respiração, pois dizem que urso não toca em animal morto. O urso aproximou-se dele, tocou-o com o focinho e o revirou de todos os lados.
Depois que o urso se afastou, o outro homem desceu da árvore e perguntou ao amigo o que o urso lhe havia dito ao ouvido. Ainda assustado, este respondeu: "Ele me aconselhou a não mais viajar com aqueles amigos que não ficam por perto na hora do perigo." *(Esopo)*

_____
_____
_____
_____
_____

Esopo – Fábulas completas. Org. Neide Smolka. São Paulo: Moderna, 1994.

3. Observe essas duas formas possíveis de estruturação do **discurso indireto livre** dos personagens e reescreva o trecho usando discurso direto e, depois, discurso indireto.

João declarou a Maria seu amor eterno e esta apenas lhe respondeu sua descrença.
De João para Maria era só amor eterno e de Maria para João apenas descrença.

Indireto: _____
Direto: _____

Você vai ter oportunidade, nos textos deste Caderno e nos muitos outros textos narrativos que você lerá em outras ocasiões, de observar como se dá a fala dos personagens. Nos textos de teatro, por exemplo, que será bastante enfocado, você verá que o discurso direto prevalece nas falas dos personagens, escritas para serem ditas em cena, por atores que os representem.

giovanadamaceno.com

Escritas ou contadas oralmente, muitas histórias saem do mundo da imaginação e ganham vida no mundo mágico das narrativas de ficção.

Você conhece aquela da história que nem enredo tinha? Ela é assim, leia!

Aproveite para observar como o narrador representa o discurso de seu personagem.

Já era uma vez

Era uma vez uma história bem pobrezinha, tão pobrezinha que não tinha personagens, não tinha começo, não tinha meio, não tinha fim, nem enredo ela tinha. E para que serve uma história sem enredo?

A pobre da nossa história andava por aí pedindo:

– Um enredo, pelo amor de Deus!

Mas ninguém dá a mínima atenção a uma história sem enredo.

E a historinha sem enredo passava por grandes histórias, cada uma mais orgulhosa do seu enredo.

Uma era a história de um cavaleiro de armadura que atacava até moinhos de vento.

A historinha olhava e dizia:

– Puxa!, isso é que é enredo. Quem dera eu tivesse um enredo assim!

Outra era a história de um médico que virava monstro e de um monstro que virava médico. Tinha também a história de um rei que tinha uma távola redonda. Todas as histórias tinham enredo, menos a nossa.

Um dia, nossa história decidiu, "vou sair pelo mundo e vou encontrar um enredo, custe o que custar".

Assim, nossa história correu mundo, conheceu todos os lugares, viu cidades imensas, ouviu a queixa das pessoas, o som das trombetas e o barulho dos cascos dos cavalos do rei. Viu bandidos serem enforcados, foi presa, foi solta, foi presa de novo, fugiu.

Assim, os anos se passaram, e assim a nossa história voltou ao ponto de partida. Agora, já era uma velha história, uma história que os pescadores contavam nas noites de lua, as velhas contavam para as crianças dormir, e as pessoas sonhavam quando queriam esquecer da vida.

Um dia, nossa história estava para morrer. Então, ela reuniu em sua volta todas as pequenas anedotas da vizinhança, os episódios mínimos e as piadas sujas e disse:

– Meus amores, antes de partir tenho uma coisa muito importante para contar a vocês, que vão alegrar os homens, fazer as mulheres chorarem e apavorar as crianças.

Já era quase nada, quando conseguiu dizer:

– Era uma vez uma história bem pobrezinha, tão pobrezinha que não tinha personagens, não tinha começo, não tinha meio, não tinha fim, nem enredo ela tinha.

E morreu dizendo:

– Para que serve uma história sem enredo?

obviousmag.org

LEMINSKI, Paulo. *Gozo fabuloso*. São Paulo, DBA Artes Gráficas, 2004.

Viu qual é o destino das histórias que nem enredo têm? Agora, faça as atividades propostas a seguir.

fichasedesenhos.com

1. Quem é a personagem principal em “Já era uma vez”?

_____

2. Qual era o maior desejo da personagem e que ela vivia pedindo aos outros que realizassem?

_____

3. Que outros elementos característicos de uma história o narrador diz que faltam à personagem, por ela não ter um enredo?

_____

4. Que dificuldade ela encontra de que alguém a ouça e atenda ao seu pedido?

_____

5. Na sua aventura de sair pedindo um enredo por aí, o personagem passa por grandes histórias com enredos, segundo o narrador. Relacione, no quadro, cada enredo citado, tente lembrar o título de cada história citada e escreva ao lado.

ENREDOS	TÍTULOS

6. Qual a opinião da personagem sobre o enredo do primeiro exemplo citado?

_____

_____

7. Um dia, a personagem tomou uma decisão. Que decisão foi essa?

_____

_____

8. No 11º parágrafo, o narrador conta que “nossa história **correu mundo**”. Com que sentido ele usa a expressão em destaque?

_____

_____

9. Pelo que o narrador conta, no 11º parágrafo, “nossa história”, ao correr mundo, passou por muitas experiências, viveu uma grande aventura. Sendo a personagem quem é, entendemos que ela viajou por um mundo especial. Que mundo é esse?

_____

10. No parágrafo seguinte (12º), “nossa história”, depois de “correr mundo”, volta ao **ponto de partida** e **já era uma velha história**. Leia com atenção o parágrafo e responda: Dentro do mundo em que ela vivia, a que tempo ela voltou?

_____

11. Que história ela conta às pequenas anedotas, aos episódios mínimos e às piadas (histórias da tradição oral), antes de morrer?

_____

_____

12. Observe o trecho "– Meus amores, antes de partir tenho uma coisa muito importante para contar a vocês, que vão alegrar os homens, fazer as mulheres chorarem e apavorar as crianças."
O que neste trecho permite afirmar que as histórias nunca vão se acabar, nunca vão morrer?

_____

_____

acertodecontas.blog.br

13. Com base no que ela contou antes, que resposta você daria à pergunta final que ela fez?

_____

_____

brasilverdade.org.br

14. Observe que no conto "Já era uma vez" a situação inicial repete a situação final da história narrada. Por essa repetição, podemos entender que a história que não tinha enredo não morreu. Qual foi o destino da "nossa história"?

_____

_____

jovemnerd.ig.com.br

15. Complete.

Como você pôde observar, "nossa história" acabou ganhando

a) situação inicial:

_____

_____

b) complicação (conflito gerador) :

_____

_____

pousadapeter.com.br

c) clímax:

_____

_____

d) desfecho - _____

16. Ganhou também personagens:

_____

_____

Viu só? "Nossa história" acabou ganhando o que tanto queria: ***um enredo!***

17. Reescreva o trecho "Um dia, nossa história decidiu, "vou sair pelo mundo e vou encontrar um enredo, custe o que custar", substituindo o discurso direto pelo indireto.

_____

_____

_____

18. Com base na história que você leu e nas respostas que deu às questões propostas, explique o **jogo de palavras** que há no título da história "Já era uma vez".

_____

_____

_____

Agora, leia, com atenção, os textos abaixo:

emule.com.br

musicaljaedemoro.com

19. Transcreva da capa de revista e do cartaz de propaganda, acima, as expressões da linguagem coloquial e da representação escrita de uma variante da fala.

_____

_____

_____

20. Relacione essas expressões à história narrada no conto “Já era uma vez” e, com elas, escreva uma mensagem de estímulo para a “nossa história”, que acabou ganhando um enredo.

_____

_____

_____

Produção de texto

Viu para o que serve uma história sem enredo?

Sabemos que, na tradição oral, as histórias vão sendo conhecidas porque são contadas no "boca a boca", alguém conta para alguém que conta para alguém... E assim vai.

Você pode reparar que, nessa forma de transmissão de histórias, muitas vezes as pessoas começam assim: Você conhece aquela do ...?

Assim, a gente vai conhecendo, por exemplo, aquela da moça que encontrou uma pérola num pacote de açúcar, aquela do dia em que o pai levou os filhos a passear na orla para estrear o novo carro, aquela da história que não tinha enredo...

Acontece, às vezes, de uma pessoa nos contar o final e a coisa perder um pouco a graça, não é mesmo?

Por exemplo: Você conhece aquela da história que começava pelo final e ninguém queria saber de ouvir ou de ler mais nada? A história foi ficando aborrecida, começou a se sacudir tanto, até que as letras se embaralharam e.... Não, vamos parar! Não queremos saber já o final. E temos um amigo que vai nos contar direitinho essa história toda, com começo, meio e fim.

Esse amigo é você!

Organize-se. Faça o planejamento da história (retome, para isso, o quadro que lhe apresentamos no Caderno passado). Planejada a sua história, use rascunhos à vontade, peça ajuda a seu(sua) Professor(a). A situação inicial você já tem. Pense em como ela vai se desenvolver, pense na complicação, no clímax e no desfecho. Pense que ela pode ter outros personagens. Elabore seu plano, rascunhe o necessário, até chegar à história que você vai nos contar aqui, agora!

Como já sugerimos uma situação inicial, vamos deixá-la escrita aqui, para você continuar, criar e escrever todo o desenvolvimento até chegar ao desfecho. Ah, o título também é com você; não se esqueça!

Asas à imaginação, mãos à obra, que queremos conhecer mais essa história!

_____

Era uma vez uma história que começava pelo final. O leitor lia aquele final e a deixava de lado, sem querer saber como a história tinha começado e se desenvolvido, até chegar àquele desfecho. A história começou a ficar muito aborrecida em ser abandonada assim e resolveu que desse jeito a situação não podia continuar.

Um dia, estava ela diante dos olhos de um leitor, já pronta para ser abandonada, quando _____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

gracaplena.blogspot.com

marcelaoliva.com.br

gracaplena.blogspot.com

Que bom você ter nos contado essa história, hein! Agora, sabemos como a história que começava pelo final resolveu o seu problema, já sabe "a história da história que começava pelo final". Essa é a função dos contadores de histórias, seja no boca a boca, seja por escrito: fazer a história seguir seu caminho dentro da história das histórias. De tempos em tempos, muda um pouquinho. É um que mexe daqui, outro dali, outro de lá e de acolá; é um que corta uma parte; outro que inventa outra parte, que muda o final, que inclui outros personagens, que faz o dia virar noite, o mocinho virar bandido, o monstro ficar bonzinho...

E o mundo gira... e o tempo não para... e é a vida que segue e vai nos dando histórias!

teatrodbloca.blogspot.com

Vamos ao teatro!

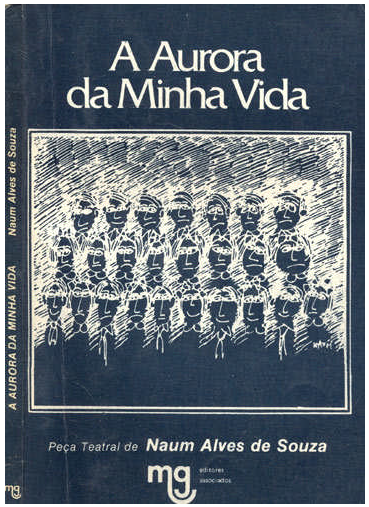
Como você aprendeu, o conto *é uma narrativa curta, pelo menos mais curta que uma novela ou um romance. Mais longo ou mais curto em sua estrutura, como os contos que você leu neste Caderno, um conto apresenta os mesmos elementos de um romance:* ***narrador, personagens, enredo, espaço e tempo.***

Um outro tipo de texto narrativo, que conta uma história com os elementos básicos do conto ou do romance, é o ***TEXTO DE TEATRO****. A estrutura do texto é diferente, como você vai perceber, mas contém também uma* ***situação inicial, um conflito gerador, um clímax e um desfecho****. No texto de teatro, quase sempre* ***abre-se mão da figura do narrador****, sendo todo o enredo desenvolvido através de diálogos entre os personagens. É um texto voltado para a* ***oralidade****, ou seja, para ser falado, representado em um palco. Neste Caderno, você vai conhecer um pouco as características básicas de um texto do teatro.*

Você já assistiu a uma peça de teatro? Já participou de apresentações teatrais? Sua escola costuma realizar eventos desse tipo? A encenação teatral é um momento mágico para quem dela participa, seja atuando, seja como espectador. E pensar que toda essa magia resulta de um texto escrito... Você já teve oportunidade de ver/ler um texto teatral escrito? Então, prepare-se...

Depois do terceiro sinal... A peça vai começar!

portaldoprofessor.mec.gov.br



SOUZA, Naum Alves de. *A aurora da minha vida.* São Paulo: M.G. Ed. Associados, 1982.

Pelo título, você consegue imaginar qual é o assunto da peça?

O título faz referência a um antigo e muito conhecido poema da nossa literatura. Você sabe qual é?

Agora, você vai seguir o ***Bufão*** *aí ao lado, para descobrir um pouco do segredo da magia do teatro.*

renovart.blogspot.com

teatrodboca.blogspot.com

Antes de ler um trecho do 1º Ato de "Aurora da minha vida", leia com atenção o quadro abaixo, com alguns elementos característicos do texto de teatro, que você deverá observar, tanto ao ler como ao produzir textos desse tipo.

Elementos característicos da estrutura e da linguagem do texto teatral escrito

• **Prólogo** – é a parte, anterior ao início da peça propriamente dito, em que se **enuncia o tema da peça.** Nem todos os textos de teatro apresentam o prólogo.

• **Atos e Cenas (ou Quadros)** – Como já vimos, o texto teatral é uma narrativa como o conto, a novela e o romance, com situação inicial, conflito, clímax e desfecho. Só que, no texto de teatro, o enredo se desenvolve através de diálogos, estruturados em Atos e Cenas (ou Quadros).

• **Narrador –** O texto teatral é um texto narrativo que, quase sempre, dispensa a figura do narrador, com a história nos sendo contada através do diálogo entre os personagens, ou "mostrada" através da encenação de atores que representarão os personagens.

• **Diálogo** - O diálogo constitui-se em elemento determinante da ação dramática.

• **O texto teatral encenado** exige elementos cênicos como o cenário, luz, figurino, maquiagem, gestos, movimento, tom dos diálogos e das falas, estados emocionais etc.

• **Indicadores de cena ou rubricas –** no texto teatral escrito, esses elementos cênicos estão presentes nos **indicadores de cena ou rubricas**, que aparecem em letras de tipos diferentes, em *itálico*, por exemplo.

Personagens – No texto teatral escrito, os personagens que participam da trama aparecem indicados logo após o título e antes do primeiro Ato.

Local e Época – Indica-se também o local e a época em que transcorre a história narrada.

Linguagem – A linguagem usada pelos personagens deve ser coerente com a época, o local, o ambiente social. O registro escrito deve buscar representar as variantes históricas, regionais e sociais da língua falada.

renovart.blogspot.com

teatrodboca.blogspot.com

*O texto teatral que você vai ler é um trecho da cena inicial da peça "**Aurora da minha vida**", de Naum Alves de Souza, escrita em 1981. A história se passa em uma escola e quase sempre na sala de aula de uma mesma turma. Leia.*

1º ATO

FINAL DO PRÓLOGO

(Escuro)

Um dos antigos alunos – Era uma vez a escola... Onde havia o diretor, a servente, o inspetor de alunos, a secretária, os professores. O prédio tinha as salas de aula, o corredor, o pátio, o banheiro, o barzinho, a secretaria, a diretoria. Na frente, havia uma placa simples, com uma frase: "Educa a criança no caminho que deve andar e dele nunca se desviará." Ah! Eu ia me esquecendo. A escola era cheia de alunos, sendo educados no caminho que deveriam andar.

O VISITANTE E A VELHA PROFESSORA

(Um clima de certa irrealidade)

(Aparecem o Visitante e a Velha professora. Sons fantasmagóricos de vozes de crianças recitando tabuadas, lendo. A Professora passa visto nos cadernos, carteira por carteira. Revela-se o Visitante.)

Professora: Você estava com saudade?

Visitante: Eu não sei por que resolvi pensar na escola.

Professora: Não sabe, meu filho?

Visitante: Sabe como eu me lembro da escola? Às vezes como uma coisa boa, às vezes como um lugar onde eu estava sempre angustiado.

Professora: Você não gostava dos professores?

Visitante: Eu não sei se gostava mesmo ou se era um dever como o dever de gostar da Pátria, da família. Acho que me contaram muita história mentirosa, que não correspondia à verdade.

Professora: Eu também não sabia toda a verdade das coisas. Muitas vezes a verdade não pode ser dita, é proibida. Há leis que proíbem, você sabe.

Visitante: A gente não tinha liberdade para nada. Os professores decidiam a vida dos alunos, os diretores a dos professores e alguém, lá em cima, devia decidir a dos diretores.

Professora: Precisava haver ordem, disciplina.

Visitante: Sabe uma coisa que eu nunca pude falar? “Ontem eu faltei porque o dia estava muito bonito, o sol tão gostoso, que eu fiquei correndo e brincando. E a minha mãe não ficou brava e o meu pai não me bateu.” Não era nada bom ficar preso, com aquele calor, as moscas zumbindo, prestando atenção em coisas sem o menor interesse.

Professora: Mas nada tinha interesse?

Visitante: É que olhando a manhã pela janela, dava uma vontade de correr, brincar, subir em árvore, nadar em rio...

Professora: Pare, por favor.

(Sai o Visitante)

[...]

SOUZA, Naum Alves de. *A aurora da minha vida.* São Paulo: M.G. Ed. Associados, 1982.

Para assistir a uma cena de “Aurora da minha vida”:
http://youtu.be/FUfByvbIG9Q

renovart.blogspot.com

1.Observe os trechos destacados entre parênteses e com tipo diferente de letra. Que função eles têm no texto?

_____

2. Observando esses trechos, transcreva deles palavras ou expressões que permitem entender que o Visitante que dialoga com a Velha professora pode ser fruto de sua imaginação, e que ela dialoga com seu passado, com o "fantasma" de suas recordações.

_____

3. Que expressão da fala do personagem identificado como "Um dos antigos alunos" revela que ele funciona como um narrador da história?

_____

4. Transcreva a fala do "Visitante" em que ele revela um conflito entre os sentimentos trazidos pelas suas lembranças da escola.

_____

_____

5. Transcreva o trecho em que o personagem Visitante expressa uma opinião sobre a atuação dos professores de sua antiga escola.

_____

6. Como a professora se justifica, diante da opinião do Visitante sobre a atuação dos professores?

_____

7. Em uma de suas falas, o Visitante critica a falta de liberdade na escola.
a) Que motivo ele aponta para essa falta de liberdade?

_____

_____

b) Que fala do texto revela a falta de liberdade de decidir a própria vida?

_____

_____

renovart.blogspot.com

teatrodboca.blogspot.com

8. Que justificativa a professora dá com relação à crítica do Visitante sobre a falta de liberdade na escola e a hierarquia das decisões?

_____

9. Que consequências teve para o Visitante, na época em que era aluno, a falta de liberdade que ele sentia na escola?

_____

_____

10. Pense na fala final da Professora, “Pare, por favor.”. Que sentimento a personagem revela com esse pedido final ao Visitante?

_____

_____

renovart.blogspot.com

Para assistir a uma cena de “Aurora da minha vida”:
http://youtu.be/FUfByvbIG9Q

11. **PRODUÇÃO DE TEXTO**: Pense que há situações em que a ordem e a disciplina são aspectos positivos em uma escola. Complete o diálogo da seguinte cena, a partir das indicações entre parênteses.

(No pátio escolar, na hora do recreio. Um aluno, novo na escola, brinca sozinho com uma pesada bola de futebol, batendo-a e rebatendo-a com os pés em uma parede, no meio de todas as crianças. Sua brincadeira incomoda os demais alunos, que brincam ou conversam no pátio, já que em alguns momentos precisam se desviar da bola e do aluno, que corre para pegá-la. A Diretora o observa e decide que o aluno não pode continuar brincando daquela maneira.)

Diretora – Pedro, sua brincadeira está atrapalhando o recreio de todos os colegas.
Pedro – Ué, quer dizer que eu não posso brincar nem na hora do recreio?!
Diretora: Pode, claro que pode... E deve! Mas procure brincar com os outros e de uma forma que não tire o direito de brincar ou de conversar de seus colegas.
Pedro: _____
_____
Diretora: _____
(A Diretora se afasta e volta com dois alunos para junto de Pedro.)
Diretora: _____
Pedro: _____
_____
Diretora: _____
_____
(Pedro sai, todo animado, com os dois novos colegas, e vai bater bola com eles, na quadra da escola).

Você vai ler, agora, o poema que contém o verso a que o título da peça de Naum Alves de Souza faz referência. A essas referências que um texto faz a outro texto chamamos ***INTERTEXTUALIDADE.***

MEUS OITO ANOS

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Como são belos os dias
Do despontar da existência!
— Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar é — lago sereno,
O céu — um manto azulado,
O mundo — um sonho dourado,
A vida — um hino d'amor!

Que aurora, que sol, que vida,
Que noites de melodia
Naquela doce alegria,
Naquele ingênuo folgar!
O céu bordado d'estrelas,
A terra de aromas cheia
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!

Oh! dias da minha infância!
Oh! meu céu de primavera!
Que doce a vida não era
Nessa risonha manhã!
Em vez das mágoas de agora,
Eu tinha nessas delícias
De minha mãe as carícias
E beijos de minha irmã!

Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberta o peito,
— Pés descalços, braços nus —
Correndo pelas campinas
A roda das cachoeiras,
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis!

Naqueles tempos ditosos
Ia colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava à beira do mar;
Rezava às Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo.
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!
.....

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras
Debaixo dos laranjais!

Casimiro de Abreu (1839-1860)

ABREU, Casimiro de. As Primaveras. São Paulo: Livraria Editora Martins S/A coedição Instituto Nacional do Livro, 1972.

1. Qual é o tema do poema?

_____

2. Transcreva da 4ª estrofe o verso em que o eu poético revela uma insatisfação com sua vida de adulto.

_____

3. Relacione o poema ao trecho de texto de teatro lido anteriormente e estabeleça semelhança e diferença entre as recordações do eu poético e as do Visitante.

_____
_____
_____
_____
_____
_____

4. Que efeito de sentido tem a repetição da primeira estrofe, como última estrofe do poema?

_____
_____

5. Que parte do poema revela mais exatamente o momento de sua infância a que o eu poético se refere?

_____

Agora, você vai ler mais um texto de teatro, com a atenção de sempre e com uma atenção especial aos elementos característicos do gênero.

Esta peça, que o autor chama ironicamente de **entreato** (intervalo entre os atos de uma peça de teatro, entre diferentes partes de um espetáculo) foi escrita em 1870, ainda em sua cidade natal, São Luiz do Maranhão, quando o autor tinha apenas 15 anos de idade, e é **o texto nacional mais representado de todos os tempos.**

Sinopse: O personagem Isaías, um velho de aparência não muito interessante, tenta conquistar a bela e interesseira viúva Inês. Tudo seria normal se não fosse o vício de Isaías, que Inês a princípio detesta, de falar quase que o tempo inteiro através de anexins, ou seja, ditados populares.

Estruturada em um ato único, com sete cenas. Você vai ler a CENA III, um diálogo entre Inês e Isaías, que acontece na sala da casa de Inês. Inês prepara-se para sair, mas encontra Isaías, que entrara sem ser visto e a aguarda.

Amor por anexins
de Artur Azevedo
Entreato cômico

← Título da peça e nome do autor

teatrodboca.blogspot.com

Personagens
Isaías..... solteirão
Inês..... viúva
Um carteiro

← Personagens

A cena se passa no Rio de Janeiro.
Época: atualidade.

← Localização do espaço e do tempo em que transcorre a peça.

Cena III -
Isaías e **Inês**

← Indicações de cena ou **Rubricas.**

Inês (*Vem pronta para sair, ao ver Isaías assusta-se e quer fugir.)* — Ai!
Isaías *(Embargando-lhe a passagem.)* — Ninguém deve correr sem ver de quê.
Inês — Que quer o senhor aqui?
Isaías — Vim em pessoa saber da resposta de minha carta: quem quer vai e quem não quer manda; quem nunca arriscou nunca perdeu nem ganhou; cautela e caldo de galinha...
Inês *(Interrompendo-o .)* — Não tenho resposta alguma que dar! Saia, senhor!
Isaías — Não há carta sem resposta...
Inês *(Correndo à talha e trazendo um púcaro cheio d'água)* — Saia, quando não...
Isaías *(Impassível.)* — Se me molhar, mais tempo passarei a seu lado; não hei de sair molhado à rua. Eh! Eh! Foi buscar lã e saiu tosquiada...
Inês — Eu grito!
Isaías — Não faça tal! Não seja tola, que quem o é para si, pede a Deus que o mate e ao diabo que o carregue! Não exponha a sua boa reputação! Veja que sou um rapaz; a um rapaz nada fica mal...
Inês — O senhor, um rapaz?! O senhor é um velho muito idiota e muito impertinente!

teatrodboca.blogspot.com

Isaías — O diabo não é tão feio como se pinta...
Inês — É feio, é!...
Isaías — Quem o feio ama bonito lhe parece.
Inês — Amá-lo eu?! Nunca...
Isaías — Ninguém diga: desta água não beberei...
Inês — É abominável! Irra!
Isaías — Água mole em pedra dura, tanto dá...
Inês — Repugnante!
Isaías — Quem espera sempre alcança.
Inês — Desengane-se!
Isaías — O futuro a Deus pertence!
Inês — Há alguém que me estima deveras...
Isaías — *(Naturalmente)* Esse alguém sou eu.
Inês — Isso era o que faltava! *(Suspirando.)* Esse alguém...
Isaías — Quem conta um conto, acrescenta um ponto...
Inês — Esse alguém é um moço tão bonito... de tão boas qualidades...
Isaías — Quem elogia a noiva...
Inês — O senhor forma com ele um verdadeiro contraste.
Isaías — Quem desdenha quer comprar...
Inês — Comprar! Um homem tão feio!...
Isaías — Feio no corpo, bonito na alma.
Inês *(Sentando-se.)* — Deus me livre de semelhante marido!
Isaías — Presunção e água benta cada qual toma a que quer... *(Senta-se também.)*
Inês *(Erguendo-se.)* — Ah, o senhor senta-se? Dispõe-se a ficar! Meu Deus, isto foi um mal que me entrou pela porta!
Isaías *(Sempre impassível.)* — Há males que vêm para bem.
Inês — Temo-la travada.
Isaías — Venha sentar-se a meu lado. *(Vendo que Inês senta-se longe dele.)* Se não quiser, vou eu... *(Dispõe-se a aproximar a cadeira.)*
Inês — Pois sim! Não se incomode! *(Faz-lhe a vontade.)* Não há remédio!

teatrodboca.blogspot.com

Isaías *(Chegando mais a cadeira.)* — O que não tem remédio remediado está.
Inês *(Afastando a sua.)* — O que mais deseja?
Isaías — Diga-me cá: o seu noivo? ... *(Faz-lhe uma cara.)*
Inês — Não entendo.
Isaías — Para bom entendedor meia palavra basta...
Inês — Mas o senhor nem meia palavra disse!
Isaías — Pergunto se... fala francês...
Inês — Como?
Isaías — Ora bolas! Quem é surdo não conversa!
Inês — Mas a que vem essa pergunta?
Isaías *(Naturalmente.)* — Quem pergunta quer saber.
Inês — Ora!
Isaías (*Sentencioso.)* — Dois sacos vazios não se podem ter de pé.
Inês — Essa teoria parece-se muito com o senhor.
Isaías — Por quê?
Inês — Porque já caducou também.
Isaías *(Formalizado.)* — Então eu já caduquei, menina? Isso é mentira.
Inês — É verdade.
Isaías — Não é.
Inês — É.
Isaías — Pois se é, nem todas as verdades se dizem. *(Ergue-se e passeia.)*
Inês — Ah! O senhor zanga-se? É porque quer; não me viesse dizer tolices! *(Ergue-se.)*
Isaías *(Interrompendo o seu passeio, solenemente.)* — Na casa em que não há pão, todos ralham, ninguém tem razão.
Inês — Ora! Somos ainda muito moços!
Isaías — Quem? Nós?
Inês *(De mau humor.)* — Não falo do senhor: falo dele...
Isaías — Ah! Fala dele...
Inês — Havemos de trabalhar um para o outro...
Isaías — É bom, é: Deus ajuda a quem trabalha.

Fonte do texto: AZEVEDO, Artur. A capital federal, O badejo, A jóia, Amor por anexins. [estabelecimento de texto: Prof. Antonio Martins de Araújo]. Rio de Janeiro: Ediouro. (Prestígio).

http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000040a.pdf

1. Da leitura da cena, que característica do personagem permite ao leitor perceber a justificativa do título da peça?

_____

2. Percebe-se que várias falas dos personagens se encerram com o sinal de reticências.
a) O que indica o uso desse sinal nas falas lidas?

_____

b) Observe o diálogo entre os personagens e complete as seguintes falas do texto.
- Isaías – (...) cautela e caldo de galinha _____
- Inês *(Correndo à talha e trazendo um púcaro cheio d'água)* — Saia, quando não, _____
- **Isaías** — Água mole em pedra dura, tanto dá _____

3. Que motivo levou Isaías à casa de Inês?

_____

4. Transcreva a fala da personagem Inês, que é uma explicação para o problema na porta de sua casa, que facilitou a entrada de Isaías.

_____

5. Entre os tantos anexins (provérbios) citados por Isaías, transcreva três deles que contenham **antíteses** (Retome, se necessário, o Caderno do 3º Bimestre).

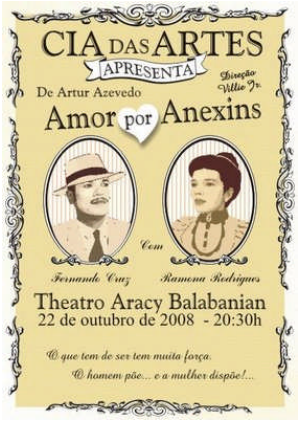
_____
_____
_____

6. Que função têm, no texto, os trechos entre parênteses e destacados com outro tipo de letra (itálico)?

_____
_____

7. Transcreva de falas do personagem Isaías três provérbios (anexins) que ele usa com intenção de ser irônico com Inês.

_____
_____
_____
_____



haphaeuwalenthe.blogspot.com

livrosgratis.net

renovart.blogspot.com

Em "Amor por anexins", Artur Azevedo se utiiiza do recurso da ***INTERTEXTUALIDADE*** *(diálogo entre textos), ao fazer seu texto dialogar com o mundo dos provérbios populares.*

Vamos ver, agora, como nosso grande compositor popular – também grande romancista e autor de textos teatrais – Chico Buarque, faz também uso da intertextualidade e tematiza, em uma de suas mais belas canções, o assunto dos ***anexins****, os provérbios populares.*

Bom Conselho

Composição: Chico Buarque

Ouça um bom conselho
Que eu lhe dou de graça
Inútil dormir que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado, quem espera nunca alcança
Venha, meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes antes de pensar
Corro atrás do tempo
Vim de não sei onde
Devagar é que não se vai longe
Eu semeio o vento
Na minha cidade
Vou pra rua e bebo a tempestade.

oreconcavo.com.br

midianews.com.br

1. Logo nos dois primeiros versos, percebe-se que o eu poético dirige-se a um interlocutor a quem ele pede que "Ouça um bom conselho/que eu **lhe** dou de graça".
a) A quem se refere o pronome **lhe** em destaque?

_____

b) Transcreva da letra o verso que revela que seu interlocutor é alguém com quem o eu poético mantém relação de amizade.

_____

2. Observe que, no encadeamento de "bons conselhos", o eu poético inverte os sentidos de conhecidos provérbios populares. Com que intenção ele faz isso?

_____
_____

3. A partir de que verso o eu poético começa a falar de sua forma pessoal de agir?

_____

4. Liste os provérbios populares que você identifica nas inversões que o eu poético fez.

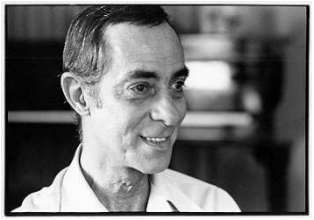
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

Para ouvir a canção: http://letras.terra.com.br/chico-buarque/85935/

Você vai ler, a seguir, um trecho do 1º ATO de uma das peças teatrais mais aclamadas no Brasil: "O pagador de promessas", de Dias Gomes. Leia antes um resumo da história narrada na peça.

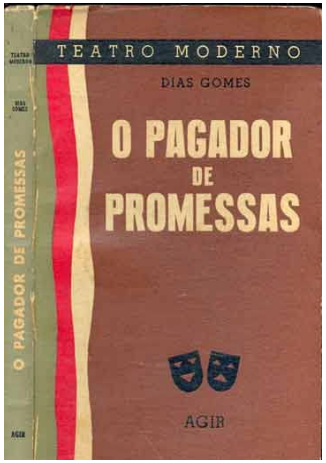
teatrodboca.blogspot.com

Resumo da peça - Uma tempestade derruba uma árvore e Nicolau, o burro, é atingido na cabeça por um dos galhos. Ele adoece e piora. Seu dono, desesperado, faz uma promessa a Iansã (Santa Bárbara). Nicolau se recupera e Zé, carregando uma pesada cruz de madeira por sete léguas, se dirige à cidade para pagar a promessa. Antes de o sol raiar, lá está ele e Rosa, sua esposa, defronte a Igreja de Santa Bárbara. Ao amanhecer, o padre Olavo se dirige até ele, ouve toda a história e lhe nega a permissão para adentrar na igreja com a cruz, impedindo-o de cumprir a promessa plenamente. (spacoacademico.com.br)



pt.wikipedia.org

O autor



estantevirtual.com.br

O pagador de promessas

Autor: Dias Gomes

PERSONAGENS:

Zé-do-Burro	Repórter
Rosa	Fotógrafo
Marli	Dedé Cospe-Rima
Bonitão	Secreta
Padre	Delegado
Sacristão	Mestre Coca
Guarda	Monsenhor
Beata	Manoelzinho Sua-Mãe
Galego	E a Roda de Capoeira
Minha Tia	

AÇÃO: Salvador
ÉPOCA: atual

renovart.blogspot.com

O texto abaixo introduz as cenas do primeiro quadro da peça e traz as ***INDICAÇÕES CÊNICAS (rubricas)*** *necessárias para a encenação do texto narrativo. Observe como essas indicações cênicas ou rubricas, inseridas na narração, têm características diferentes das do texto narrativo, sendo uma parte descritiva, com características próprias da* ***descrição****. Nelas descrevem-se o ambiente onde se passa a cena, características físicas e de comportamento dos personagens, seus gestos, sua movimentação...*

teatrodboca.blogspot.com

O PAGADOR DE PROMESSAS
Primeiro Ato
Primeiro quadro

Ao subir o pano, a cena está quase às escuras. Apenas um jato de luz, da direita, lança alguma claridade sobre o cenário. Mesmo assim, após habituar a vista, o espectador identificará facilmente uma pequena praça, onde desembocam duas ruas. Uma à direita, seguindo a linha da ribalta, outra à esquerda, ao fundo, de frente para a plateia, subindo, encadeirada e sinuosa, no perfil de velhos sobrados coloniais. Na esquina da rua da direita, vemos a fachada de uma igreja relativamente modesta, com uma escadaria de quatro ou cinco degraus. Numa das esquinas da ladeira, do lado oposto, há uma vendola, *onde também se vende café, refresco, cachaça etc.; a outra esquina da ladeira é ocupada por um sobrado cuja fachada forma ligeira barriga pelo acúmulo de andares não previsto inicialmente. O calçamento da ladeira é irregular e na fachada dos sobrados veem-se alguns azulejos estragados pelo tempo. Enfim, é uma paisagem tipicamente baiana, da Bahia velha e colonial, que ainda hoje resiste à avalancha urbanística moderna.*

Devem ser, aproximadamente, quatro e meia da manhã. Tanto a igreja como a vendola estão com suas portas cerradas. Vem de longe o som dos atabaques dum candomblé distante, no toque de Iansã. Decorrem alguns segundos até que Zé-do-Burro surja, pela rua da direita, carregando nas costas uma enorme e pesada cruz de madeira. A passos lentos, cansado, entra na praça, seguido de Rosa, sua mulher. Ele é um homem ainda moço, de 30 anos presumíveis, magro, de estatura média. Seu olhar é morto, contemplativo. Suas feições transmitem bondade, tolerância e há em seu rosto um "quê" de infantilidade. Seus gestos são lentos, preguiçosos, bem como sua maneira de falar. Tem barba de dois ou três dias e traja-se decentemente, embora sua roupa seja mal talhada e esteja amarrotada e suja de poeira. Rosa parece pouco ter de comum com ele. É uma bela mulher, embora seus traços sejam um tanto grosseiros, tal como suas maneiras. Ao contrário do marido, tem "sangue quente". [...] Veste-se como uma provinciana que vem à cidade, mas também como uma mulher que não deseja ocultar os encantos que possui.

Zé-do-Burro vai até o centro da praça e aí pousa a sua cruz, equilibrando-a na base e num dos braços, como um cavalete. Está exausto. Enxuga o suor da testa.

teatrodboca.blogspot.com

1. Segundo as indicações cênicas, onde e quando ocorrem as primeiras cenas do primeiro quadro da peça?

_____

2. Quem são os personagens dessa primeira cena?

_____

3. Com suas palavras, caracterize física e psicologicamente cada um deles.

Zé-do-Burro: _____

_____

_____

Rosa : _____

_____

4. Observe o trecho *"... uma pequena praça, onde desembocam duas ruas. Uma à direita, seguindo a linha da* ***ribalta****, outra à esquerda, ao fundo, de frente para a plateia..."*.

Pesquise no dicionário e diga o significado da palavra em destaque e com que sentido foi utilizada no trecho.

_____

_____

_____

_____

5. Como você pôde observar, a **indicação cênica ou rubrica teatral** é um texto descritivo, no qual se descrevem ambientes, vestimentas, traços característicos de pessoas, objetos etc. A seguir você vai produzir um pequeno texto com a descrição de um ambiente que lhe seja familiar. Pode ser a sua sala de aula, a praça do seu bairro, a rua que vai dar na sua casa, o que você vê da janela do seu quarto etc. Se quiser, mostre "seu veio poética".

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

renovart.blogspot.com

teatrodboca.blogspot.com

Depois das primeiras indicações cênicas, vem a cena propriamente dita. Leia.

Zé — *(Olhando a igreja.*) É essa. Só pode ser essa. (*Rosa para também, junto aos degraus, cansada, enfastiada e deixando já entrever uma revolta que se avoluma*.)
Rosa — E agora? Está fechada.
Zé — É cedo ainda. Vamos esperar que abra.
Rosa — Esperar? Aqui?
Zé — Não tem outro jeito.
Rosa — (*Olha-o com raiva e vai sentar-se num dos degraus. Tira o sapato*.) Estou com cada bolha d'água no pé que dá medo.
Zé — Eu também. (*Contorce-se num ríctus de dor. Despe uma das mangas do paletó*.) Acho que os meus ombros estão em carne viva.
Rosa — Bem feito. Você não quis botar almofadinhas, como eu disse.
Zé — (*Convicto*) Não era direito. Quando eu fiz a promessa, não falei em almofadinha.
Rosa — Então: se você não falou, podia ter botado; a santa não ia dizer nada.
Zé — Não era direito. Eu prometi trazer a cruz nas costas, como Jesus. E Jesus não usou almofadinhas.

Rosa — Não usou porque não deixaram**.**
Zé — Não, nesse negócio de milagres, é preciso ser honesto. Se a gente embrulha o santo, perde o crédito. De outra vez o santo olha, consulta lá os seus assentamentos e diz: — Ah, você é o Zé-do-Burro, aquele que já me passou a perna! E agora vem me fazer nova promessa. Pois vá fazer promessa pro diabo que o carregue, seu caloteiro duma figa! E tem mais: santo é como gringo, passou calote num, todos os outros ficam sabendo.
Rosa — Será que você ainda pretende fazer outra promessa depois desta? Já não chega?
Zé — Sei não... a gente nunca sabe se vai precisar. Por isso, é bom ter sempre as contas em dia. *(Ele sobe um ou dois degraus. Examina a fachada da igreja à procura de uma inscrição.)*
Rosa — Que é que você está procurando?
Zé — Qualquer coisa escrita... pra a gente saber se essa é mesmo a igreja de Santa Bárbara.
Rosa — E você já viu igreja com letreiro na porta, homem?
Zé — É que pode não ser essa...
[...]

GOMES, Dias. *O pagador de promessas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

renovart.blogspot.com

teatrodboca.blogspot.com

1. Em sua primeira fala, “É **essa**. Só pode ser **essa**.”, a que Zé-do-Burro se refere?

_____

2. Além do cansaço, que outra consequência física teve para a Rosa o fato de ter acompanhado seu marido na caminhada para cumprir a promessa?

_____

3. Que exemplo Zé usou, quando fez a promessa de trazer a cruz às costas?

_____

4. A partir desse exemplo, que justificativa ele dá à sua mulher para não ter botado as almofadinhas, como ela havia sugerido?

_____

5. Pense no sentido com que Zé , em sua explicação sobre a necessidade de ser honesto “nesse negócio de milagres”, usou as palavras e expressões destacadas e reescreva os trechos, substituindo-as por outras com o mesmo sentido. “Se a gente **embrulha** o santo...” –

_____

“aquele que já me **passou a perna”** – _____

“Seu **caloteiro de uma figa!”** – _____

6. Transcreva a fala que revela que Rosa foi contra o Zé ter feito a promessa.

_____

7. Zé procura qualquer coisa escrita na fachada da igreja, para confirmar se aquela se tratava mesmo da igreja de Santa Bárbara. Por que essa confirmação é importante para ele?

_____

8. Usando o DISCURSO INDIRETO, reescreva o diálogo abaixo, contando ao leitor o que os personagens conversaram, ao encontrarem a igreja fechada.

Zé — É cedo ainda. Vamos esperar que abra.

Rosa — Esperar? Aqui?

Zé — Não tem outro jeito.

renovart.blogspot.com

_____

_____

meucinemabrasileiro.com

Sinopse

Zé-do-Burro (Leonardo Villar) e sua mulher Rosa (Glória Menezes) vivem em uma pequena propriedade a 42 quilômetros de Salvador. Um dia, o burro de estimação de Zé é atingido por um raio e ele acaba indo a um terreiro de candomblé, onde faz uma promessa a Santa Bárbara para salvar o animal. Com o restabelecimento do bicho, Zé põe-se a cumprir a promessa e doa metade de seu sítio, para depois começar uma caminhada rumo a Salvador, carregando nas costas uma imensa cruz de madeira. Mas a via crucis de Zé ainda se torna mais angustiante ao ver sua mulher se engraçar com Bonitão (Geraldo Del Rey) e ao encontrar a resistência ferrenha do padre Olavo (Dionísio Azevedo) a negar-lhe a entrada em sua igreja, pela razão de Zé haver feito sua promessa em um terreiro de macumba.

jayrus.art.br/Apostilas/LiteraturaBrasileira/Contemporanea

*Leia a **sinopse** do filme, antes de responder às questões.*

1. Qual a finalidade do cartaz do filme, acima? E a da sinopse?

_____
_____

2. O cartaz do filme representa bem a história que é contada? Por quê?

_____
_____

3. Por que o autor deu-lhe o título de “O pagador de promessas” ?

_____
_____

4. Por que o personagem principal tem o apelido de Zé-do-Burro?

_____

5. Por que o padre nega a entrada do Zé, com sua cruz, na igreja?

_____

6. Em que cidade se desenvolve todo o conflito da história?

_____

Você vai ler agora um trecho de um famoso texto de teatro que também fala de promessa. Vamos lá?

RESUMO *– O texto trata das aventuras de dois amigos, Chicó e João Grilo. Eles vivem de pequenos trabalhos que conseguem aqui e ali e de pequenos, e quase inocentes, golpes que aplicam nas pessoas, em situações sempre muito engraçadas. São histórias, "causos" que Ariano Suassuna retirou de folhetos de autores anônimos e que foram preservados pela* ***tradição da literatura de cordel nordestina.*** *Numa dessas estripulias, João Grilo acaba morto em confronto com cangaceiros que invadiram a cidade. Ele vai para o "purgatório". Após julgamento (Juízo Final), acaba recebendo de Nossa Senhora, a Compadecida do título, a graça de voltar à vida.*

O trecho escolhido para sua leitura é do final desse belo texto de teatro. A cena ocorre depois que João Grilo "resssuscita" na frente de seu amigo Chicó.

CHICÓ (gritando desesperado) – Ai, meus Deus! Meu Deus, meu Deus! Burro, burro!

JOÃO GRILO – E por que essa gritaria, homem de Deus?
CHICÓ – Eu pensei que você tinha morrido, João!
JOÃO GRILO – E o que é que tem isso, homem?
CHICÓ – Tem que eu, pensando que não tinha mais jeito, fiz uma promessa a Nossa Senhora para dar todo o dinheiro a ela, se você escapasse!
[...]
JOÃO GRILO – Mas Chicó, como é que se faz uma promessa dessas?
CHICÓ – E eu sabia lá que você ia escapar, desgraça? Oh homem duro de morrer, meu Deus!
JOÃO GRILO – Ah promessa desgraçada, ah promessa sem jeito, Chicó!
CHICÓ – Agora é tarde para me dizer isso.
JOÃO GRILO – Não terá sido a metade que você prometeu?
CHICÓ – Não, João, foi tudo.
JOÃO GRILO – Ah promessa desgraçada, ah promessa sem jeito, Chicó!
CHICÓ – É, só reclama de mim! E você, por que achou de escapar?
JOÃO GRILO – Acho que foi de tanta vontade que eu estava de enriquecer. Não terá sido engano seu, Chicó?
CHICÓ – Não, João, tenho certeza absoluta: entrei na igreja, me ajoelhei e prometi.
JOÃO GRILO – Tudo?
CHICÓ – Tudo.
JOÃO GRILO – Ah promessa desgraçada, ah promessa sem jeito, Chicó.
CHICÓ – Mas já foi feita e o jeito é pagar.
JOÃO GRILO – Pagar?
CHICÓ – Sim.
JOÃO GRILO – Tudo?
CHICÓ – Tudo.
JOÃO GRILO – Ah promessa desgraçada, ah promessa sem jeito, Chicó!

renovart.blogspot.com

Continua...

FIQUE LIGADO!!!!!

AUTO DA COMPADECIDA, *de Ariano Suassuna, é uma peça clássica do teatro brasileiro. Escrita em 1955 e encenada pela primeira vez em 1957, teve outras inúmeras e bem-sucedidas encenações, virou minissérie de televisão e ganhou uma bela versão para o cinema.*

renovart.blogspot.com

CHICÓ – Está certo, homem, estou tão desgostoso quanto você! Diabo de uma reclamação em cima da gente de minuto em minuto! É melhor deixar de conversa: vamos pagar o que se deve!
JOÃO GRILO – Vamos, não; vá você! Eu não prometi nada e metade do dinheiro é meu!
CHICÓ – É, mas acontece que quando eu prometi ele era todo meu, porque eu me considerava seu herdeiro.
JOÃO GRILO – Eu não tenho nada com isso, não prometi nada.
CHICÓ – Então fique com sua parte e assuma a responsabilidade. Eu vou entregar a minha.
JOÃO GRILO – Chicó!
CHICÓ – Que é?
JOÃO GRILO – Espere por mim que eu também vou.
CHICÓ – Vai?
JOÃO GRILO – Vou.
CHICÓ – Pois eu já estava convencido de que você estava certo.
JOÃO GRILO – É, mas faltou quem me convencesse. [...]
CHICÓ – Quer dizer que entrega?
JOÃO GRILO – Entrego. Palavra é palavra e depois estive pensando: quem sabe se a gente, depois de ficar rico, não ia terminar como o padeiro? Assim é melhor cumprir a promessa: com desgraça a gente já está acostumado e assim pelo menos não se fica com aquela cara.
CHICÓ – É mesmo.
JOÃO GRILO – Pois vamos. Mas de outra vez, veja o que promete, infeliz, porque essa, ah. Promessa desgraçada, ah promessa sem jeito!
(*Saem. Entra o Palhaço)*
PALHAÇO – A história da Compadecida termina aqui. Para encerrá-la, nada melhor do que o verso com que acaba um dos romances populares em que ela se baseou:

teatrodboca.blogspot.com

“Meu verso acabou-se agora,
Minha história verdadeira.
Toda vez que eu canto ele,
Vêm dez mil-réis pra a algibeira.
Hoje estou dando por cinco,
Talvez não ache quem queira.”

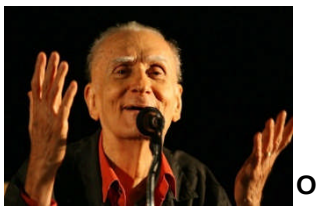
educaja.com.br

E se não há quem queira pagar, peço pelo menos uma recompensa que não custa nada e é sempre eficiente: seu aplauso.

Pano.

Recife, 24 de setembro de 1955.

SUASSUNA, Ariano. *Auto da Compadecida*. Rio de Janeiro: Agir, 2001.


O autor
oglobo.globo.com

renovart.blogspot.com

Bonita essa cena final, não é? Engraçada e bonita. E boa para se representar! Não é uma boa ideia, ensaiar com dois colegas e representar para a sua turma? Procure assistir ao filme indicado na página seguinte e observe a variante regional nordestina falada pelos personagens. Combine isso com o seu/sua professor/a. Antes, vamos estudar um pouco o texto.

1. Chicó não começa a cena, gritando daquele jeito, só porque pensava que João tivesse morrido. Qual foi, então, motivo da sua gritaria?

_____

2. Transcreva da 3ª fala de Chicó o trecho que revela que ele fez a promessa em estado de desespero.

_____

3. O fato de ter feito aquela promessa revela que sentimento de Chicó com relação a João?

_____

4. Em vários momentos da cena, João repete a mesma fala: "Ah promessa desgraçada, ah promessa sem jeito, Chicó!". Que efeito de sentido tem essa repetição?

_____

5. Que fala de João revela que, de início, ele estava decidido a não usar a sua parte do dinheiro para pagar uma promessa que, no seu entender, era só de Chicó?

_____

_____

6. Com que argumento Chicó tenta convencê-lo de que a promessa envolvia todo o dinheiro?

_____

_____

7. Ao ouvir Chicó dizer "Então fique com sua parte e assuma a responsabilidade. Eu vou entregar a minha.", João resolve voltar atrás e acompanhá-lo no pagamento da promessa. Que sentimento pode tê-lo feito pensar melhor?

_____

_____

8. A quem o Palhaço dirige sua fala final e que pedido lhe faz?

_____

renovart.blogspot.com

renovart.blogspot.com

Saiba mais!

*Nesse seu "Auto da Compadecida", Ariano Suassuna recria para o teatro episódios registrados na tradição popular do cordel, unindo com perfeição a tradição da oralidade popular e a elaboração literária. Alguns episódios baseiam-se em textos anônimos da tradição popular nordestina. O **AUTO**, do título, ao mesmo tempo que significa ato público, solenidade, refere-se também ao teatro de gênero dramático da Idade Média.*

filmow.com

O texto de Ariano Suassuna foi adaptado para a linguagem da TV, depois transposta para o cinema, e resultou em filme de grande sucesso, a que o diretor Guel Arraes deu o título de "O Auto da Compadecida".

pensarfilmes.com

Os amigos
Chicó e João Grilo

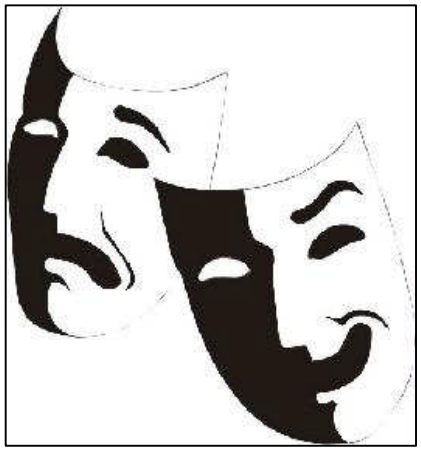
SINOPSE: No sertão da Paraíba, João Grilo e Chicó andam pelas ruas anunciando A Paixão de Cristo, "o filme mais arretado do mundo". A sessão é um sucesso, eles conseguem alguns trocados, mas a luta pela sobrevivência continua. Os dois amigos se empregam na padaria do avarento Padeiro e sua mulher, Dora, muito namoradeira. Os patrões os exploram e lhes concedem tratamento inferior aos animais da casa. Os dois veem uma chance de ganhar alguns trocados quando a cadelinha de estimação da mulher morre e os dois organizam um enterro de luxo, com missa rezada em latim e tudo – o que cria um conflito entre o padre e o bispo, assim como com o coronel Antonio Moraes. A chegada da bela Rosinha, filha do coronel, desperta a paixão de Chicó, e ciúmes do cabo Setenta. Os planos da dupla, que envolvem o casamento entre Chicó e Rosinha e a posse de uma porca de barro recheada de dinheiro, são interrompidos pela chegada do cangaceiro Severino e a morte de João Grilo. Todos os mortos reencontram-se no Juízo Final, onde serão julgados no Tribunal das Almas pelo Juiz, um Jesus negro, e pelo diabo. O destino de cada um deles será decidido pela aparição de Nossa Senhora, a Compadecida, e traz um final surpreendente, principalmente para João Grilo. (*Adaptado de www.kinodigital.ufba.br)*

1. Muito usada na linguagem popular dos nordestinos, que significado tem a palavra "arretado" no trecho "o filme mais **arretado** do mundo"?

_____

2. De acordo com a sinopse, explique a palavra Compadecida, que aparece no título do Auto.

_____



teatrodboca.blogspot.com

À esquerda, você vê o **símbolo do teatro**, apresentado tantas vezes neste Caderno. São máscaras que representam a tragédia e a comédia presentes nas narrativas teatrais, desde a Grécia antiga. No teatro, **a comédia** é o que é engraçado, o que faz rir; é o uso do engraçado, do humor, nas situações do personagem. A **tragédia**, por sua vez, é uma forma de drama, envolvendo conflitos do personagem e tratados com a seriedade que o tema pede.

1. Observe, no símbolo do teatro, as figuras das máscaras. O que revela, em cada uma delas, aquilo que representam?

_____

_____

_____

_____

_____

_____

FIQUE LIGADO!!!!!

20 de março:
Dia Nacional e Mundial do Teatro para a Infância e a Juventude.

rogeliocasado.blogspot.com

renovart.blogspot.com

webdhora.com

1. Que finalidade tem o cartaz ao lado?

_____

_____

_____

2. Por que período vigoraram os preços anunciados no cartaz?

_____

_____

_____

3- O que representa a figura que aparece desenhada no cartaz?

_____

_____

_____

A campanha “Teatro para todos” acontece todos os anos. Os ingressos podem ser comprados pela internet ou nos locais de venda divulgados previamente.

Você vai ler, agora, a história de um rei muito vaidoso, adaptada de um famoso conto de Andersen, da antiga tradição dos contos de fadas.

portalsaofrancisco.com.br

A roupa nova do imperador

Havia, há muito tempo, um imperador muito vaidoso, que amava tanto os trajes elegantes, que gastava todo o seu dinheiro para mostrar-se sempre bem vestido. Não se preocupava com mais nada; sua única preocupação era exibir-se em trajes novos.

Na cidade onde ficava o seu palácio, a vida era muito movimentada, sendo visitada por muitos estrangeiros. Um dia, chegaram dois homens que se diziam tecelões e fizeram espalhar a notícia de que sabiam tecer o mais estupendo tecido que se podia imaginar. As cores e o desenho eram de beleza excepcional, mas os trajes feitos com ele tinham a propriedade mágica de ser invisíveis a toda pessoa indigna do cargo que exercia, ou que fosse ilimitadamente imbecil.

O imperador, tão logo soube da novidade, entusiasmou-se. “Deve ser um traje maravilhoso. Além de lindos, vestindo-os poderei descobrir quais são os que, no reino, desempenham mal sua função e distinguir os inteligentes dos imbecis! Sim, tecei imediatamente para mim este tecido!”. E mandou entregar aos forasteiros grande quantidade de dinheiro, como adiantamento.

Os falsos tecelões montaram dois teares e fingiam trabalhar neles, sem fio algum a tecer. A seda mais fina e o ouro mais puro, que pediram para o trabalho, ficaram guardados num saco, enquanto fingiam trabalhar até altas horas da noite nos teares vazios. Todos na cidade souberam da virtude milagrosa do tal tecido e nela acreditaram, e cada um ardia de curiosidade de ver a incapacidade ou a tolice do vizinho.

Curioso também, mas temendo a virtude do tecido, o imperador enviou o primeiro-ministro, seu mais velho, competente e confiável funcionário, para inspecionar o trabalho dos tecelões. "Ele saberá, melhor que qualquer outro, julgar o aspecto do tecido.", pensava.

O primeiro-ministro foi e, claro, nada viu. Temendo ser considerado um imbecil e incapaz para o alto cargo que exercia, ele nada disse; só arregalava os olhos e ouvia com atenção as palavras de maravilhas com que descreviam as qualidades do tecido que estavam tecendo e que o primeiro ministro fingia ver.

"Sim, repetirei tudo para o imperador e direi que o tal tecido é um deleite para os olhos.", decidiu o velho, bom e competente primeiro-ministro. Certos da satisfação do imperador, os impostores só faziam pedir mais e mais dinheiro para a continuidade do trabalho. E continuaram a tecer até altas horas no tear vazio. A todo momento, o imperador mandava outros funcionários a ver como andava o trabalho e conferir as qualidades do tecido. A situação se repetia. Todos temiam se passar por imbecis e incompetentes e deitavam elogios sobre o tecido que "viram".

Na cidade só se falava no magnífico tecido. Tanto que o imperador decidiu ver a magnificência com seus próprios olhos. Acompanhado de uma comitiva de pessoas, todas gozando de alta consideração no reino, foi ao local de trabalho da esperta dupla de vigaristas. O imperador, claro, nada pôde ver. Assim também como todas as pessoas da importante comitiva. "Que beleza! Que perfeição!", exclamava o imperador. "Que beleza! Que perfeição!", repetiam os da comitiva. Todos, inclusive o imperador, acreditavam no que todos viam e diziam. E todos só faziam fingir ver e repetir o que todos diziam. Tanto disseram ao imperador, que ele se convenceu a vestir-se com o novo traje para comparecer à procissão que estava para acontecer no reino, em poucos dias. Tão satisfeito mostrou-se o imperador, que condecorou os impostores com o título de nobres tecelões imperiais, e ainda deu-lhes mais ouro como recompensa.

renovart.blogspot.com

Os impostores pediram ainda mais dinheiro para terminar logo o trabalho e, na véspera da procissão, fingiram trabalhar por toda a noite, até com velas acesas. Então, anunciaram que o traje estava pronto. O imperador, acompanhado de seus mais altos cortesãos, foi a eles para ver o traje, para vestir o traje para a procissão. “Queira Vossa Majestade ter a bondade de despir-se, para nós mesmos lhe vestirmos com seu novo traje, diante deste grande espelho.”, disseram os vigaristas. O imperador assim o fez e deixou-se vestir diante do espelho, observando todos os gestos teatrais que os impostores executavam, ao “vesti-lo”. Devidamente “vestido”, o imperador mirava-se e remirava-se no espelho. “Oh, que traje bem talhado! Como lhe cai bem! Que modelo! Que cores! Que tecido! Que leveza!, o imperador ouvia todos dizendo atrás de si. “Sim, estou pronto! Vamos.”, disse finalmente ao mestre de cerimônias da procissão, e ainda voltou a mirar-se mais uma vez no grande espelho, modo que ele achou de disfarçar que nada via vestido sobre seu corpo.

Os camareiros fingiram segurar a longa cauda do traje imperial, e assim seguiriam, acompanhando o imperador, durante o longo percurso em que ele, sob seu magnífico dossel, se exibiria para a multidão que se acotovelava nas ruas e nas janelas. Da multidão ouvia os elogios e os aplausos, vindos de todos os lados. E seguiu confiante, seguro de si, até que...

– Mas ele está sem roupa! – exclamou uma criança.

– Pelo céu! ouçam a voz da inocência! – disse seu pai.

E todos puseram-se a sussurrar, um ao outro, as palavras da criança.

– Mas ele está sem roupa! Foi uma criança que disse, ele está nu!

– Ele está nu! – exclamou finalmente a multidão.

renovart.blogspot.com

E um arrepio percorreu o imperador. Parecia-lhe que as pessoas tinham razão, mas refletiu: “Devo aguentar firme até o fim da procissão”. Endireitou-se altivamente e os camareiros o seguiram, segurando a cauda que não existia.

Alguns contos e fábulas de Andersen. Vol. 2. São Paulo: Paulus, 1996.

1. Por que se pode afirmar que o tecido produzido pelos dois tecelões não possuía qualquer propriedade mágica?

_____

2. O que explica o fato de as pessoas fingirem ver o tecido e a roupa que não existiam?

_____

_____

3. No final da história, uma criança desmascara toda a farsa. Você concorda com a explicação de que só os olhos puros e ingênuos da criança conseguiram ver o que ninguém mais conseguiu? Justifique sua resposta.

_____

_____

4. Transcreva do final da história o trecho interrompido pelo sinal de reticências, para conseguir um efeito de suspense.

_____

5. Transcreva do primeiro parágrafo a expressão que indica que a história se deu num passado muito distante. Retire, também, as formas verbais que indicam as ações que se davam naquele distante passado.

_____

_____

6. Relembre o que foi apresentado em cadernos anteriores sobre regras básicas de **concordâncias verbal e nominal** e reescreva o trecho a seguir, imaginando "um homem" no lugar de "dois homens", "tecidos" no lugar de "tecido" e fazendo as alterações necessárias.
"Um dia, chegaram dois homens que se diziam tecelões e fizeram espalhar a notícia de que sabiam tecer o mais estupendo tecido que se podia imaginar."

_____

_____

Você sabia que esse conto de Andersen foi adaptado para o teatro, tendo sido encenado com grande sucesso? Veja.

O Alfaiate do Rei

Texto inédito de Maria Clara Machado, adaptação do conto de Hans Christian Andersen, "A roupa nova do imperador". Estreou no teatro Tablado em 2004, com direção de Cacá Mourthé. A peça ficou em cartaz por mais de um ano, com sucesso de público e crítica. *(joaodefreitas.com)*

A SEGUIR VOCÊ VAI LER O ÚLTIMO TRECHO DESSA ADAPTAÇÃO E OBSERVAR COMO SE FAZ A TRANSPOSIÇÃO DA LINGUAGEM DO CONTO PARA A LINGUAGEM TEATRAL.

renovart.blogspot.com

O alfaiate do rei
Autora: Maria Clara Machado
Um ato e oito cenas

8ª CENA
Cidade. Toca música solene: pompas e circunstâncias. O povo espera ansioso, entra o Bobo. O Rei e a Rainha desfilam em sua biga, de guarda-chuva. Ministro e o Funcionário andam atrás. O povo, esfuziante, aplaude a nova roupa do Rei. (Comentários.)

MENINA *(ao passar o Rei)* – O rei está nu! Mamãe! Olha! Olha, mamãe!
O PAI E A MÃE – É mesmo! Ele está nu! A menina tem razão!
MULHER 2 – Deus fala pela boca das crianças. O Rei está nu! Olhem! Olhem! O Rei está nu! Olhem! Olhem! O Rei está nu! Olhem! Olhem!
(Todos do cortejo se entreolham sem graça.)
REI – Meu Deus! Que vergonha! Que vergonha! Eu estou nu, nu!
RAINHA – Nu.
REI – É verdade. A criança disse certo.
RAINHA – Disse certo.
(O Rei olha para todos, ergue a cabeça, endireita o corpo, respira fundo e, cheio de pose, recomeça a andar, dizendo:)
REI – Vou ter de fingir até o fim. Manter a dignidade diante do meu povo. Não vou dar o braço a torcer.
TODO O CORTEJO – Temos que fingir até o fim. Manteremos a dignidade. Não vamos dar o braço a torcer.
(A procissão continua dizendo isto e andando enquanto o povo ri e aponta o cortejo. O povo canta e dança.)

teatrodboca.blogspot.com

POVO – O Rei está nu,
O Rei está nu,
Nuzinho! Nuzinho!
A verdade sempre aparece,
As coisas são como são,
A criança tem razão.
As coisas são o que vemos,
A criança tem razão.
Incompetentes em sua função,
O rei, a Rainha e cortesãos.
A criança tem razão.

(Em cima do instrumental e da dança o Bobo fala:)

BOBO – O Rei caiu no golpe dos espertos tecelões,
Que agora estão longe gastando os seus milhões.
Devem ter ido por esse mundo afora
Enganar outros tolos, sem demora.
Pois na vida há muita gente como a dessa cidade
Que mais importância dá à futilidade.
O rei teve a lição merecida,
Foi humilhado e não teve outra saída:
Aprender realmente a governar
E para o seu povo olhar.
Aqui me despeço, humilde e sagaz,
Pois sei que o teatro de tudo é capaz.
Um trapaceiro pode vencer,
Um rei pode aprender,
O Bobo pode sorrir
E a plateia se divertir.

(Voltam o canto e a dança.)

FIM

MACHADO, Maria Clara. *A bruxinha que era boa e outras peças.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

A autora

infoescola.com

teatrodboca.blogspot.com

1. Além da linguagem própria do texto de teatro, diferente da linguagem do conto, que outras diferenças você percebe na cena final do texto adaptado por Maria Clara Machado, comparado ao que você leu na cena final narrada no conto de Andersen?

_____

_____

_____

PRODUÇÃO DE TEXTO

Imagine que você precisa adaptar o conto de Andersen, para encenar em sua escola.

Como você faria essa adaptação, na cena em que o imperador vai, acompanhado de sua comitiva, ver com os próprios olhos a roupa que encomendara aos impostores tecelões (8º parágrafo) ?

Imagine os diálogos que podem ter acontecido naquela situação e os escreva, em linguagem adequada. Você deve usar a estrutura e a linguagem características do texto de teatro – sem esquecer as indicações cênicas! Ah, e o título que você daria à sua adaptação.

Volte ao quadro dos elementos característicos, apresentado na página 31, além de reler os textos de teatro, apresentados neste Caderno. Para ler outros textos, busque, na Sala de Leitura, livro com esse gênero textual. Isso vai ajudá-lo a escrever sua adaptação. Peça também ajuda a seu/sua Professor(a).

Planeje seu trabalho e use quantos rascunhos forem necessários. Pronta a adaptação, copie-a neste Caderno ou digite-a em um computador, imprima e cole no espaço ao lado.

Após concluir seu trabalho, você pode convidar os colegas de turma para ajudá-lo em outra tarefa: a de apresentar a cena, encenar a sua adaptação, sempre sob a coordenação de seu/sua Professor(a).

Imaginou como seria a adaptação? Então, mãos à obra.

Título →

_____

Autor(a):

8ª CENA

renovart.blogspot.com

Continua...

Continuação.

Bravo! Bravíssimo!

Feliz Natal e um Ano Novo cheio de alegrias para todos!

renovart.blogspot.com

teatrodboca.blogspot.com

rodrigorobleno.blogspot.com

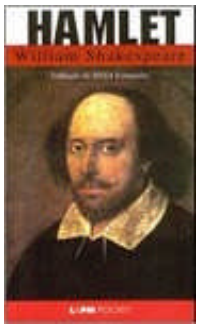
AGORA, UM PRESENTE PARA VOCÊ, QUE ME ACOMPANHOU ATÉ AQUI!

Ser ou não ser – eis a questão.

Essa frase, muito conhecida, está no mais famoso monólogo teatral de todos os tempos. Faz parte da peça teatral Hamlet, de Shakespeare.

Quase todo ator sonha em, um dia, interpretar Hamlet, muitos só por causa do monólogo ao lado.

E você? Não gostaria de interpretá-lo para sua turma? Combine com seu(sua) Professor(a) e dê esse presente para seus colegas!



joycecarolino.blogspot.com

Hamlet - Ato III
Cena I (fragmento)

teatrodboca.blogspot.com

Hamlet : Ser ou não ser – eis a questão.
Será mais nobre sofrer na alma
Pedradas e flechadas do destino feroz
Ou pegar em armas contra o mar de angústias –
E, combatendo-o, dar-lhe fim? Morrer, dormir;
Só isso. E com o sono – dizem – extinguir
Dores do coração e as mil mazelas naturais
A que a carne é sujeita; eis uma consumação
Ardentemente desejável. Morrer – dormir –
Dormir! Talvez sonhar! Aí está o obstáculo!
Os sonhos que hão de vir no sono da morte
Quando tivermos escapado ao tumulto vital
Nos obrigam a hesitar: e é essa reflexão
Que dá à desventura uma vida tão longa
Pois quem suportaria o açoite e os insultos do mundo,
A afronta do opressor, o desdém do orgulhoso,
As pontadas do amor humilhado, as delongas da lei,
A prepotência do mando, e o achincalhe
Que o mérito paciente recebe dos inúteis,
Podendo, ele mesmo, encontrar seu repouso
Com um simples punhal? Quem aguentaria fardos,
Gemendo e suando numa vida servil
Senão porque o temor de alguma coisa após a morte –
O país não descoberto, de cujos confins
Jamais voltou nenhum viajante – nos confunde a vontade,
Nos faz preferir e suportar os males que já temos,
A fugirmos para outros que desconhecemos?
E assim a reflexão faz todos nós covardes.
E assim o matiz natural da decisão
Se transforma no doentio pálido do pensamento.
E empreitadas de vigor e coragem,
Refletidas demais, saem do meu caminho
Perdem o nome de ação. [...]

Tradução: Millôr Fernandes.

SHAKESPEARE,William. Hamlet. Porto Alegre: L&PM, 2009.

Assista à Cena do Monólogo em
http://youtu.be/t8mmGg2k9F8
Ou em
http://youtu.be/NzfkYW_UbfA

Vale a pena!

myplace-renatinha.blogspot.com

SUGESTÃO DE FILMES
•**Shakespeare apaixonado,** de John Madden
•**Hamlet,** de K. Branagh

Até a próxima...
Fui!

renovart.blogspot.com

RIO
PREFEITURA

EDUCAÇÃO